



# REALIZAÇÃO



# PATROCÍNIO



# PARCEIROS



## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Congresso Nacional de Arquivologia (6 : 2014 : Santa Maria)

Congresso Nacional de Arquivologia, 20 a 23 de outubro de 2014, Santa Maria [recurso eletrônico] : Arquivologia, sustentabilidade e inovação / organizado por Débora Flores, Andréa Gonçalves dos Santos e Flavia Helena Conrado ; coord. Daniel Flores.; revisado por Sérgio Ricardo Rodrigues [realização Associação dos Arquivistas do Rio Grande do Sul] – Santa Maria : AARS, 2014.

Versão eletrônica. ; il. ; 4 ¾ pol.

ISBN: 978-85-68533-01-7

1. Arquivologia - Congresso. 2. Sustentabilidade. 3. Inovação. I. Flores, Débora., org. II. Santos, Andréa Gonçalves do., org. III. Conrado, Flávia Helena., org. IV. Flores, Daniel., coord. V. Rodrigues, Sérgio Ricardo., revisor V. Título: Arquivologia, sustentabilidade e inovação.

CDU: 930.25:658

## Comissão Organizadora do VI CNA



Andrea Gonçalves dos Santos - Mestrado  
Camila Lacerda Couto - Especialização  
Cléo Belício Lopes - Especialização  
Daniel Flores - Pós-Doutorado  
Débora Flores - Mestrado  
Denize Brum Camargo - Graduação  
Flavia Helena Conrado - Mestrado  
Jorge Alberto Soares Cruz - Mestrado  
Maria Cristina Kneipp Fernandes - Especialização  
Mateus de Moura Rodrigues - Especialização  
Raquel Miranda da Silva - Especialização  
Rita de Cássia Portela da Silva - Mestrado  
Rosani Gorete Feron - Especialização  
Valéria Raquel Bertotti - Mestrado  
Viviane Portella de Portella - Mestrado

## Comissão Central de Programação Científica



Prof. Dr. Daniel Flores (UFSM) - Presidente  
Prof. Dr. André Zanki Cordenonsi (UFSM) - Membro  
Prof. Me. Jorge Alberto Soares Cruz (UFSM) - Membro  
Prof. Dr. José Maria Jardim (UNIRIO) - Membro  
Prof. Dr. Rafael Port da Rocha (UFRGS) - Membro  
Profa. Ma. Valéria Raquel Bertotti (UFRGS) - Membro

## Secretaria de apoio da Comissão Central de Programação Científica



Arquiv. Ma. Andrea Gonçalves dos Santos (FURG) - Membro  
Arquiv. Mnda. Daiane Segabinazzi Pradebon - Membro  
Arquiv. Ma. Flavia Helena Conrado (IFRS/ POA) - Membro  
Arquiv. Ma. Neiva Pavezi (UFSM) - Membro

## Comissão de Pareceristas - Avaliadores



Alicia Casas de Barran (EUBCA) - MERCOSUL  
Ana Celeste Indolfo (Arquivo Nacional) - Inst. Arquivísticas  
Ana Célia Rodrigues - UFF  
André Malverdes - UFES  
Angelica Alves da Cunha Marques - UnB  
Anna Carla Almeida Mariz - UNIRIO  
Anna Szlecher (UnC) - MERCOSUL  
Aurora Leonor Freixo - UFBA  
Beatriz Kushnir (AGCRJ) - Inst. Arquivísticas  
Carla Mara da Silva Silva- UFAM  
Carlos Augusto Silva Ditadi - Conarq  
Carlos Blaya Perez - UFSM  
Cíntia das Chagas Arreguy - UFMG  
Dhion Carlos Hedlund - FURG  
Eliana Maria dos Santos Bahia - UFSC  
Eliandro dos Santos Costa - UEL  
Eliezer Pires da Silva - UNIRIO  
Fernanda Kieling Pedrazzi - UFSM  
Flávio Leal da Silva - UNIRIO  
Francisco José Aragão Pedroza Cunha - UFBA  
Hamilton Vieira de Oliveira - UFPA  
Heloísa Liberalli Bellotto - USP  
Janilton Fernandes Nunes - UFAM  
João Eurípedes Franklin Leal - Conarq  
Jorge Eduardo Enriquez Vivar - UFRGS  
José Augusto Chaves Guimarães - UNESP  
Josemar Henrique de Melo - UEPB  
Julianne Teixeira e Silva - UFPB  
Katia Isabelli de Bethânia Melo de Souza - UnB  
Leandro Ribeiro Negreiros - UFMG  
Marcieli Brondani de Souza - UFAM  
Margarete Farias de Moraes - UFES  
Maria Do Rocio Fontoura Teixeira - UFRGS  
Maria Laura Rosas (EUBCA) - MERCOSUL  
Maria Leandra Bizello - UNESP  
Maria Teresa Navarro de Britto Matos - UFBA  
Maria Virginia Moraes de Arana - UFES  
Mateus de Moura Rodrigues - FURG  
Paulo Roberto Elian dos Santos (Fiocruz) - Inst. Arquivísticas  
Lucivaldo Vasconcelos Barros - UFPA  
Luiz Eduardo Ferreira da Silva - UFPA  
Renato Tarciso Barbosa de Sousa - UnB  
Rita de Cassia Portela da Silva - UFRGS  
Rosa Zuleide Lima de Brito - UFPB

Rosane Suely Alvares Lunardelli - UEL  
Sérgio Renato Lampert - FURG  
Sônia Elisabete Constante - UFSM  
Telma Campanha de Carvalho Madio - UNESP  
Úrsula Blattmann - UFSC  
Welder Antônio Silva - UFMG

## **Comissão de Apoio**



### **Secretária**

Melina Pereira

### **Comissão de Divulgação**

Everton Tolves  
Pâmela Menezes Flores  
André Grendene Azevedo  
Maria Eduarda Flores

### **Comissão de Transportes**

Daiane Regina Segabinazzi Pradebon  
Comissão Artística  
Arion Pilla

### **Comissão de Projetos**

Jonas Ferrigolo Melo  
Juliana Kirchhof  
Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues

### **Comissão de Inscrições, Credenciamento e Certificados**

Camila Medeiros  
Tamiris Carvalho  
Catiana Ramiro

### **Comissão de Infraestrutura**

Adriéli Mello  
Douglas Duarte

### **Editoração e Revisão**

Sérgio Ricardo da Silva Rodrigues



**Associação dos Arquivistas do RS - AARS**

**Biênio 2013 - 2015**

**Diretoria**

PRESIDENTA: Débora Flores

VICE-PRESIDENTA: Andrea Gonçalves dos Santos

1ª SECRETÁRIA: Camila Lacerda Couto

2ª SECRETÁRIA: Maria Cristina Kneipp Fernandes

1ª TESOUREIRA: Raquel Miranda da Silva

2º TESOUREIRO: Cléo Belicio Lopes

**CONSELHO FISCAL - TITULARES**

Denize Camargo

Rosani Gorete Feron

Viviane Portela de Portela

**CONSELHO FISCAL - SUPLENTES**

Daniel Flores

Flavia Helena Conrado

Jorge Alberto Soares Cruz



## **SUMÁRIO**

Sobre o Evento.....	<b>09</b>
AARS.....	<b>11</b>
Comunicações Orais – Eixo Epistemologia da Arquivologia e Formação Profissional.....	<b>12</b>
Comunicações Orais – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	<b>328</b>
Comunicações Orais – Eixo Acesso à Informação.....	<b>370</b>
Comunicações Orais – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais.....	<b>615</b>
Comunicações Orais – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	<b>730</b>
Comunicações Orais – Eixo Gestão Documental.....	<b>949</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Documentos Arquivísticos Digitais...	<b>1121</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Inovação e Sustentabilidade em Arquivos.....	<b>1143</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Gestão Documental.....	<b>1168</b>
Comunicações Pôsteres – Eixo Patrimônio Documental e Memória.....	<b>1220</b>

## SOBRE O EVENTO

### **VI CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA VI CNA - 2014 Santa Maria - RS**

A realização do Congresso Nacional de Arquivologia é o resultado do envolvimento e da cooperação das associações regionais de arquivistas que unem esforços com a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia – ENARA – criada em 2006 durante o II CNA ocorrido em Porto Alegre –, ademais da comunidade arquivística, atuante nas discussões em prol do desenvolvimento da Arquivologia.

Realizar um congresso, grandioso e importante como este para os profissionais arquivistas, é um trabalho árduo, mas também prazeroso, pois é ele um marco para o avanço da teoria arquivística e de suas tecnologias para a comunidade brasileira. Comunidade esta, cada vez mais, exigente e consciente da importância da gestão documental e informacional, considerando não somente a atividade fim da arquivística, mas ainda, sob um olhar na sustentabilidade e nas inovações que contribuem para o desenvolvimento e uma melhor aplicabilidade da gestão documental nas empresas e demais espaços de atuação do profissional arquivista.

Assim, em um congresso nacional como este, é sabido que as discussões geradas neste grandioso evento, espaço para o conhecimento e debates teóricos, enriquecem ainda mais a comunidade científica e ampliam, conseqüentemente, as discussões acerca da Arquivologia e sua teoria no Brasil.

Como contribuição para os profissionais envolvidos no evento, que ocorre na união de uma comunidade nacional em um mesmo espaço, enriquece a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, representando, portanto, um elemento importante no desenvolvimento da comunidade científica no âmbito da educação superior contemporânea.

Os congressos nacionais de arquivologia, que vêm acontecendo desde 2004, têm contribuído significativamente às discussões de classe. Cada evento vem carregado de ideias e visões, que ao longo dos dias são debatidas pela comunidade arquivística, resultando assim em novos conceitos, novos conhecimentos, potencializando o papel do arquivista na sociedade contemporânea, sendo o cerne do desenvolvimento de políticas e leis que se tornaram referência em outras áreas do conhecimento.

A realização deste evento é a oportunidade de atualização dos profissionais participantes, explorando novas tendências na gestão documental, trazendo-se temas de abordagem contemporânea e oportunizando, ainda, a presença de palestrantes de renome nacionais e internacionais.

As comissões organizadora e científica somam esforços para apresentar uma programação que venha fomentar amplo debate sobre as questões da atualidade na gestão arquivística e da gestão da informação, com vista a construir uma perspectiva para evidenciar as discussões acadêmica e científica, considerando as diferentes dimensões, na dicotomia: educação superior e vida profissional. Isso significa fortalecer os princípios para com a arquivística e a gestão da informação, propiciando uma formação acadêmica e uma atuação profissional que articule

organicamente com o conhecimento científico, técnico, político e, ainda, uma postura ética.

A interação entre as diversas formações e campos de atuação do profissional, proporciona troca e difusão de conhecimento, pressupondo sujeitos comprometidos com a evolução teórica e tecnológica da sua área de atuação. Desta forma, o evento visa divulgar, refletir e discutir as novas tendências da gestão arquivística e da gestão da informação, integrando seus diversos atores: docentes, discentes, gestores, técnicos, profissionais e comunidade em geral.

Desde a década de 70 o Brasil tem por tradição realizar congressos nacionais de arquivologia. Mas foi o ano de 2004 que ficou marcado em virtude da sequência dos congressos sofrer alteração.

Assim, o I Congresso Nacional de Arquivologia - CNA se realizou na cidade sede do governo federal, Brasília em 2004, tendo como tema “Os arquivos no século XXI”.

O II CNA, se realizou na acolhedora cidade de Porto Alegre em 2006, tendo como tema “Os desafios do arquivista na sociedade do conhecimento”. Este encontro foi um marco para o arquivologia nacional pois neste congresso se criou a Executiva Nacional de Associações Regionais de Arquivologia, a ENARA, que desde então, passou a organizar os CNAs junto com a associação regional do estado sede do congresso.

O III CNA se realizou na cidade maravilhosa do Rio de Janeiro em 2008, tendo como tema “A Arquivologia e suas múltiplas interfaces”.

O IV CNA se realizou na linda cidade de Vitória em 2010, tendo como tema “A gestão de documentos arquivísticos e o impacto das novas tecnologias da informação”.

O V CNA se realizou na bela cidade de Salvador em 2012, tendo como tema “Arquivologia e internet”.

E agora, o VI CNA, em 2014, se realiza no coração do Rio Grande do Sul, em Santa Maria. É o primeiro congresso nacional que ocorre em uma cidade que não é uma capital, e que nos enche de orgulho poder sediar e acolher estes profissionais que aqui chegam para discutir e compartilhar conhecimentos da Arquivologia.

O VI CNA conta com sessões plenárias apresentando temas como “A Diplomática Contemporânea e a Epistemologia da Arquivologia”, “Inovação em acesso e preservação digital” e “Avaliação de documentos: metodologia, procedimentos e implicações”. O evento conta também com quatro mini-cursos: “Preservação digital”, “Diplomática contemporânea”, “O documento arquivístico digital” e “ISO30300” com ministrantes do Brasil, Espanha e Portugal, além das comunicações orais e apresentação de pôsters.

As apresentações foram divididos por eixos temáticos: Epistemologia da Arquivologia e formação profissional, Inovação e sustentabilidade em arquivos, Acesso à informação, Documentos arquivísticos digitais, Patrimônio Documental e memória e Gestão Documental.

## A AARS

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul (AARS), criada em 1999, surgiu a partir da extinção dos Núcleos da Associação dos Arquivistas Brasileiros em julho de 1998, quando os associados do Núcleo Regional do RS se reuniram e, após muita discussão, aprovaram a constituição de uma associação estadual. Na ata de fundação, constavam 32 associados, que, com muita disposição, conseguiram criar uma entidade forte e reconhecida nacionalmente. A Associação é dirigida por uma diretoria eleita por dois anos.

Atualmente, a AARS conta com mais de 270 associados, já foi representante das associações de classe no Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ) e Coordena a gestão da Executiva Nacional de Associações de Arquivologia do país até a realização do VI CNA. No ano de 2007, a AARS conseguiu sua inscrição na Seção de Associações Profissionais - SPA, do Conselho Internacional de Arquivos CIA. Em 2006, a Associação promoveu o II Congresso Nacional de Arquivologia, com aproximadamente 500 participantes. E hoje, mais uma vez reafirma sua dedicação em prol dos profissionais arquivistas.

A Associação dos Arquivistas do Estado do Rio Grande do Sul tem por objetivos: a) promover a defesa dos interesses dos profissionais que atuam na área da arquivologia; b) incrementar estudos para melhorar o nível técnico e cultural dos profissionais de arquivo; c) cooperar com os órgãos governamentais e entidades nacionais e internacionais; públicas e privadas, em tudo que se relacione com arquivos; d) promover a valorização, o aperfeiçoamento e a difusão do trabalho arquivístico, por meio de estudos, congressos, conferências, exposições, cursos, seminários, mesas redondas, e outras atividades; e) estabelecer e manter intercâmbio com associações congêneres; f) participar dos eventos que se relacionem com as atividades da área; g) colaborar com o Arquivo Nacional, os arquivos estaduais e municipais, no desenvolvimento de políticas de arquivo; g) a representação judicial ou extrajudicial dos associados mediante autorização da Assembleia Geral.

A atual diretoria da AARS tomou posse em 29 de julho de 2013, e tem seu mandato até julho de 2015. Além das atividades de defesa profissional, como divulgação da regulamentação da profissão, intervenções em concursos irregulares com vagas para arquivista, cursos de capacitação e treinamentos, a AARS enfrenta em 2014 um novo desafio. Após sediar em 2006 o então II Congresso Nacional de Arquivologia, a AARS recebe novamente o evento, porém na sua VI edição.



# **COMUNICAÇÕES ORAIS**

**EIXO:**

**EPISTEMOLOGIA DA  
ARQUIVOLOGIA E  
FORMAÇÃO  
PROFISSIONAL**

## Reflexões sobre as relações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação<sup>1</sup>

Alexandre de Souza Costa<sup>2</sup>

### RESUMO

Reflete sobre as relações da Arquivologia com a Ciência da Informação. Apresenta algumas propriedades da interdisciplinaridade sob a perspectiva de Hilton Japiassú e Olga Pombo. Delineia algumas aproximações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação a partir das perspectivas de alguns autores contemporâneos. Sugere o aprofundamento e verticalização teórica que abordem a relação entre os dois campos. Propõe a inserção de disciplinas relacionadas à Ciência da Informação nos cursos de graduação em Arquivologia e a abordagem das disciplinas relacionadas ao campo arquivístico nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Compreende a importância dessa questão ao abordar essa temática nos estudos realizados no Brasil recentemente.

**Palavras-chave:** Arquivologia; Ciência da Informação; Interdisciplinaridade

### *Reflections about relations between archival science and information science*

*It reflects about relations between archival science and information Science. It shows some properties of interdisciplinarity from the perspective of Hilton Japiassú and Olga Pombo. Outlines some approaches between archival science and information science from the perspectives of some contemporary authors. It suggests deepening theoretical and vertical integration to address the relations between the two fields. Proposes the inclusion of disciplines related to information science in undergraduate archival science courses and approach of related disciplines from archival science field in graduate programs in information science. It understands the importance of this issue when addressing this subject in Brazil studies recently.*

*Key words:* Archival science; Information science; Interdisciplinarity

### INTRODUÇÃO

Diante de novas demandas para resolução de problemas relacionados ao conhecimento, surgem perspectivas na contemporaneidade que se apresentam para criação de novas possibilidades no universo técnico, político e científico. Uma dessas perspectivas é o relacionamento entre campos de conhecimento científico a partir de suas teorias e métodos de aplicação.

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi extraído da dissertação de mestrado “Produção de conhecimento em Arquivologia sob a égide dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação” orientada por José Maria Jardim sob os auspícios da Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Doutorando em Ciência da Informação pelo convênio Universidade Federal do Rio Janeiro/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (UFRJ/IBICT). [alexandredesouzacosta@gmail.com](mailto:alexandredesouzacosta@gmail.com)

Nesta direção, apresenta-se uma questão recente no Brasil: o relacionamento entre o campo da Ciência da Informação e o campo da Arquivologia, principalmente a partir dos anos de 1990 do século XX no Brasil.

Sobre a questão de campo Pierre Bourdieu, sociólogo e antropólogo francês, desenvolveu esse conceito e deste, o conceito de “campo científico” no que diz respeito à Sociologia da Ciência. Nesta perspectiva, Bourdieu argumenta que o campo da ciência não se difere em nada de um campo social como outro qualquer, pois sempre há um embate, uma luta de forças em busca de legitimidade e reconhecimento social em um determinado espaço simbólico.

Desta forma, temos uma concorrência pelo monopólio da competência científica e a necessidade de legitimidade nos discursos em um primeiro nível institucional e, logo após, no nível pessoal. Sobre isto, afirma Bourdieu (1983, p. 123, grifos do autor): “os julgamentos sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador estão sempre *contaminados*, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição nas hierarquias instituídas”.

Um outro aspecto sobre a busca de legitimidade e o reconhecimento social é a questão política. Desta maneira, as questões epistemológicas se confundiriam com questões políticas. Um exemplo disto seriam as bolsas de financiamento de projetos de pesquisa que seriam e/ou são liberadas pelas agências de fomento de acordo com certas pesquisas de pessoas de grupos hegemônicos estabelecidos institucionalmente. Assim, os critérios de avaliação seriam sempre adstritos à manutenção da hegemonia estabelecida e conquistada com esforços “científicos”.

Bourdieu ainda coteja o conhecimento científico ao capital e, por isso, possui suas regras de distribuição:

A estrutura da distribuição do capital científico está na base das transformações do campo científico e se manifesta por intermédio das estratégias de conservação ou de subversão da estrutura que ela mesma produz. Por um lado, a posição que cada agente singular ocupa num dado momento na estrutura do campo científico é a resultante, objetivada nas instituições e incorporada nas disposições, do conjunto de estratégias anteriores desse agente e de seus concorrentes (elas próprias dependentes da estrutura do campo, pois resultam das propriedades estruturais da posição a partir da qual são engendradas). Por outro lado, as transformações da estrutura do campo são o produto de estratégias de conservação ou de subversão que têm seu princípio de orientação e eficácia nas propriedades da posição que ocupam aqueles que as produzem no interior da estrutura do campo (BOURDIEU, 1983, p. 134).

Por fim, Bourdieu afirma que as posições estratégicas no campo científico são ideológicas disfarçadas de epistemológicas. Desta forma, o discurso engendrado

pelos que estão institucionalmente amparados é de se manterem justificando sua posição e, ao mesmo tempo, desacreditarem os que estão em posição oposta, ou seja, os pesquisadores contra hegemônicos. Tem-se então, uma relação de poder.

Nesta direção, apresenta-se uma questão recente no Brasil: o relacionamento entre a Ciência da Informação e a Arquivologia, principalmente a partir da representação da tabela de áreas no CNPQ, na produção de teses e dissertações com temáticas arquivísticas em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, na inserção de disciplinas com temas da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Arquivologia, e das disciplinas com temas arquivísticos nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil. Estes eventos ocorreram nitidamente a partir dos anos de 1990.

## **A QUESTÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE**

No âmbito científico, as disciplinas cujo objeto de estudo é a informação tais como a Ciência da Informação, a Biblioteconomia, e a Arquivologia<sup>3</sup>, têm-se abordado a questão da interdisciplinaridade. Contudo, a fim de compreender a dimensão deste fenômeno faz-se necessário apresentá-lo a partir de alguns matizes.

A interdisciplinaridade mostra-se como uma das respostas à fragmentação do saber, ou seja, um alto grau de especialização por parte das ciências ou saberes compartimentados (JAPIASSÚ, 1976). Esta especialização apresenta como componentes aspectos políticos, econômicos e sociais. A interdisciplinaridade viria como proposta no bojo da pós-modernidade e criaria a possibilidade do diálogo entre (inter) as disciplinas formando uma ideia de interação. O resultado desta interação, a partir do rigor teórico-metodológico aplicado e tendo por mediação a interdisciplinaridade, traria novas perspectivas de abordagens científicas.

Convém lembrar que a interdisciplinaridade não é um conceito e nem um fenômeno recente. Esta perspectiva nos remete, por exemplo, à França do século XVIII; em meio ao Iluminismo e anterior à Revolução Francesa, houve um movimento filosófico e cultural liderado por Jean le Rond d'Alembert e Denis Diderot chamado de Enciclopedismo que previa a catalogação do conhecimento humano a

<sup>3</sup> É importante apontar que a informação passou a ser mais observada pela Arquivologia a partir da noção de informação arquivística ou informação registrada orgânica. Este termo foi utilizado por Jean Yves-Rosseau e Carol Couture (1998) conforme citado anteriormente na delimitação do problema desta pesquisa.

partir de princípios racionais. Havia nesta catalogação uma divisão ou “árvores de conhecimento”, compartimentando os ramos do saber humano.

Historicamente, as disciplinas foram uma invenção no final do século XVIII no ocidente como forma de institucionalizar departamentos acadêmicos. Já havia nessa época a noção de autonomia, ou seja, embora estivessem ligados à Filosofia que seria a integradora de todos os conhecimentos, os departamentos eram independentes (BURKE, 2003).

Desta maneira, Japiassú (1976, p. 60, grifos do autor) baseado em Heinz Heckhausen expõe que antes da abordagem do interdisciplinar é necessário que se tenha bem definido o que é uma disciplina ou disciplinas. O autor lista sete componentes que devem ser observados:

- 1- o *domínio material* das disciplinas, constituído pelo conjunto de objetos pelos quais elas se interessam e dos quais se ocupam;
- 2- o *domínio* de estudo que nada mais é senão o ângulo específico sob o qual a disciplina considera seu domínio material, podendo ser comum a várias disciplinas (...);
- 3- o *nível de integração teórica* dos conceitos fundamentais e unificadores de uma disciplina, capazes de abranger todos os fenômenos próprios, tendo em vista uma reconstrução da “realidade” do domínio de estudo a fim de explicar e prever os fenômenos que a ele se referem;
- 4- os *métodos* próprios para apreender e transformar os fenômenos, havendo perfeita concordância entre a aplicação dos métodos e as leis gerais do nível de integração teórica;
- 5- os *instrumentos de análise* que repousam, sobretudo, na estratégia lógica, nos raciocínios matemáticos e na construção de modelos;
- 6- as *aplicações* das disciplinas: quanto mais elas se orientam para aplicação profissional, mais ecléticas se revelam em sua concepção epistemológica, exigindo, assim, programas pluridisciplinares;
- 7- as *contingências históricas*: em seu processo de evolução histórica, cada disciplina se encontra, em cada fase, num momento de transição, em contacto com forças e influências internas e externas (...).

Nesta perspectiva, cada disciplina ou campo de conhecimento possuem suas bases (princípios, métodos, objeto e teorias) e fronteiras bem delimitadas, mas em um projeto interdisciplinar específico há uma intensa troca entre os envolvidos de tal maneira que as delimitações de fronteiras são suplantadas em prol da busca para atender o fenômeno pesquisado.

Deste modo,

Passamos por graus sucessivos de cooperação e de coordenação crescentes antes de chegarmos ao grau próprio ao interdisciplinar. Este

pode ser caracterizado como o nível em que a colaboração entre as diversas disciplinas ou entre os setores heterógenos de uma mesma ciência conduz a *interações propriamente ditas*, isto é, a uma certa reciprocidade nos intercâmbios, de tal forma que, no final do processo interativo, cada disciplina saia enriquecida. Podemos dizer que nos reconhecemos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes em que ele conseguir *incorporar* os resultados de várias especialidades, que *tomar de empréstimo* a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los *integrarem* e *convergirem*, depois de terem sido *comparados e julgados*. Donde poderemos dizer que o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos (JAPIASSÚ, 1976, p.75, grifos do autor).

O autor ainda nos lembra de que o conceito de interdisciplinaridade evoca três outros conceitos no que diz respeito ao relacionamento de disciplinas ao qual ele chamou de “conceitos vizinhos” (JAPIASSÚ, 1976, p.72). O Quadro 1 expressa estes conceitos e as diferenças entre eles.

**Quadro 1** Definições dos conceitos de Multidisciplinaridade, Pluridisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade e suas especificidades.

DEFINIÇÃO	DESCRIÇÃO GERAL	TIPO DE SISTEMA
Multidisciplinaridade	Gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas.	Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; nenhuma cooperação.
Pluridisciplinaridade	Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas.	Sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação.
Interdisciplinaridade	Axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz noção de finalidade.	Sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos; coordenação procedendo do nível superior.
Transdisciplinaridade	Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral.	Sistema de níveis e objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas.

Fonte: Elaboração própria com base em Japiassú (1976).

Em uma perspectiva contemporânea acerca da questão da interdisciplinaridade, Olga Pombo<sup>4</sup> professora da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa apresenta interdisciplinaridade da seguinte forma:

Por *interdisciplinaridade*, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir de uma confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum. (...). Conforme os casos e os níveis de integração pretendidos, ela pode traduzir-se num leque muito alargado de possibilidades: transposição de conceitos, terminologias, tipos de discurso e argumentação, cooperação metodológica e instrumental, transferência de conteúdos, problemas, resultados, exemplos, aplicações, etc (1994, grifo da autora).

Em uma proposta acerca da “Epistemologia da Interdisciplinaridade”, Pombo aponta que a questão da interdisciplinaridade não é isolada em si, mas há um grupo de quatro palavras que apresentam uma disputa pelo mesmo “terreno”. Neste contexto, este terreno de disputa é a raiz em comum que elas possuem, ou seja, a *disciplina*, que teriam três significados (i) disciplina como ramo do saber – ramos do saber universalmente consolidados como Matemática, Física, Biologia, Psicologia, Sociologia, entre outras; (ii) disciplina como componente curricular – disciplinas do ensino básico que se recortam sobre as disciplinas científicas; (iii) disciplina como conjunto de normas e leis – trata da disciplina enquanto comportamento de um determinado grupo social.

Embora Pombo apresente um grupo de quatro palavras inicialmente, a autora incita que são três e não quatro, pois etimologicamente pluri e multi possuem o mesmo significado.

Diante deste modelo Pombo expõe o seguinte:

A ideia é a de que as tais três palavras, todas da mesma família, devem ser pensadas num *continuum* que vai da coordenação à combinação e desta à fusão. Se juntarmos a esta continuidade de forma um *crescendum* de intensidade, teremos qualquer coisa deste género: do paralelismo *pluridisciplinar* ao perspectivismo e convergência *interdisciplinar* e, desta, ao holismo e unificação *transdisciplinar* (POMBO, 2003, p. 5, grifos da autora).

---

<sup>4</sup> Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em 5 de Julho de 2010.

Ainda Pombo (2005, p.11, grifos da autora) em uma palestra conferida no Congresso Luso-Brasileiro sobre Epistemologia e Interdisciplinaridade na Pós-Graduação, conclui seu pensamento da seguinte forma:

Sem interesse real por aquilo que o outro tem para dizer não se faz interdisciplinaridade. Só há interdisciplinaridade se somos capazes de partilhar o nosso pequeno domínio do saber, se temos a coragem necessária para abandonar o conforto da nossa linguagem técnica e para nos aventurarmos num domínio que é de todos e de que ninguém é proprietário exclusivo. Não se trata de defender que, com a interdisciplinaridade, se alcançaria uma forma de anular o *poder* que todo *saber* implica (o que equivaleria a cair na utopia beata do sábio sem poder), mas de acreditar na possibilidade de partilhar o poder que se tem, ou melhor, de *desejar* partilhá-lo. Como? Desocultando o saber que lhe corresponde, explicitando-o, tornando-o discursivo, discutindo-o.

Diante do exposto, observaremos algumas tentativas de estabelecimento de relação entre as áreas da Ciência da Informação e a Arquivologia no Brasil.

## **INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A ARQUIVOLOGIA E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

No que tange à interdisciplinaridade entre a Ciência da Informação e Arquivologia, os primeiros estudos que tratam da questão foram iniciados a partir dos anos de 1990. No ano de 1992, em um artigo intitulado “As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação”, Jardim e Fonseca (1995, p.48) abordam que ambas as disciplinas tratam da questão da informação, no entanto, na perspectiva dos autores a relação entre as disciplinas era pouco observada:

Apesar da Arquivística e da Ciência da Informação partilharem do mesmo domínio de estudos – a informação – os níveis de interação que apresentam são bastante precários. Ainda que a informação seja contemplada por ambas as disciplinas a partir das suas diferentes propriedades e especificidades quanto à produção, uso e disseminação, o território disponível para o intercâmbio teórico e prático mostra-se extremamente vasto.

Neste mesmo artigo, os autores apontam que embora a informação enquanto objeto seja contemplado pelas duas disciplinas, no plano internacional não pode ser observado o relacionamento entre elas. Além disso, os autores afirmam que a literatura clássica da Ciência da Informação não contempla a informação

arquivística. Por outro lado, a literatura arquivística também não menciona a Ciência da Informação (JARDIM; FONSECA, 1995, p. 47).

Smit (2003), por seu turno considera que a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia são disciplinas que apresentam um objetivo em comum, tornar informações acessíveis. Por isso estes campos seriam interfaces da Ciência da Informação. Smit (2003) ainda aborda que se observamos as práticas feitas em tempos remotos, as instituições recebiam tanto materiais arquivísticos como materiais bibliográficos. Com a invenção da imprensa, os materiais começaram a ser separados por conta das diferenças de tipologia. Ainda Smit (2003) interpreta que tanto a Biblioteconomia como a Arquivologia são modalidades pragmáticas da Ciência da Informação.

Nesta direção, Araújo (2011) expressou o seguinte:

Uma outra área do conhecimento, fortemente relacionada à CI [Ciência da Informação], é a Arquivologia. A Arquivologia sempre teve traços identitários com a Biblioteconomia. Ambas são igualmente antigas e ligadas ao surgimento dos suportes escritos do conhecimento humano. Ambas desenvolveram, ao longo dos séculos, técnicas e procedimentos para, num primeiro momento, conservar e guardar os documentos; depois organizá-los de maneira a serem recuperados e, em tempos mais recentes, para tornar acessíveis seus conteúdos. E, tal como a Biblioteconomia, também a Arquivologia não conseguiu desenvolver, ao longo dos anos, um corpo de conhecimentos propriamente científicos.

Na perspectiva de Araújo (2011), a Ciência da Informação, por seu caráter interdisciplinar “acomodaria” a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia (também inserida nesta perspectiva) e permitiria que estas áreas se desenvolvessem.

Sobre este aspecto, podemos destacar a conferência feita por José Maria Jardim na abertura do 3º Congresso Nacional de Arquivologia realizado em 2008 no Rio de Janeiro. Jardim expõe que o discurso sobre a relação interdisciplinar entre a Arquivologia e a Ciência da Informação é mencionado, porém, não é praticado. Além disso, Jardim afirma que a ideia de subordinação da Arquivologia à Ciência da Informação ganha espaço, sobretudo no Brasil e que não procede internacionalmente (JARDIM, 2008, p. 37). Como pode ser observada, esta questão se repete e parece inalterada em quase 20 anos após o texto deste mesmo autor juntamente com Maria Odila Fonseca na página anterior.

Jardim (2008, p.38) ainda apresenta o que parecem ser equívocos no caso brasileiro:

Um equívoco é a perspectiva, pelo menos em algumas interpretações, de que a Arquivologia é uma modalidade pragmática ou universo de aplicação da Ciência da Informação. Essa perspectiva reduz a Arquivologia a um campo de aplicação da Ciência da Informação, passando ao largo dos dispositivos teóricos da área. Ainda que os dispositivos teóricos da Ciência da Informação possam e devam ser no universo empírico arquivístico, isso não equivale necessariamente a uma relação de subordinação da Arquivologia em relação à Ciência da Informação. Essa concepção vem ganhando espaço no Brasil, inclusive, de alguma forma, no campo arquivístico.

E mais:

Um outro equívoco, é a ideia de que Arquivologia, junto com a Biblioteconomia e a Museologia, constituem-se na base da Ciência da Informação. Ao menos em relação à Arquivologia, basta analisar a história da área e também da Ciência da Informação para afirmar que essa afirmação é inconsistente.

Desta forma, Jardim (2008, p. 38) entende que a Arquivologia é uma área autônoma do conhecimento, contudo, isto não compromete a possibilidade de obter relações interdisciplinares:

(...) parece-me equivocada a perspectiva de que a autonomia da Arquivologia é incompatível com o imperativo da sua interdisciplinaridade. Autonomia e relações interdisciplinares não são categorias excludentes. Um campo de conhecimento pode manter relações interdisciplinares com diversas outras áreas sem que sua autonomia, como um campo, seja diluída. Autonomia não significa insulamento.

Mariz (2004) observou as relações entre os dois campos a partir de uma abordagem sistêmica. Verificou que na Ciência da Informação, os Sistemas de Informação são bastante importantes enquanto campo de estudo. No que diz respeito à Arquivologia, a autora observa que não há um consenso sobre o que são Sistemas de Arquivos, que poderiam ser entendidos como Sistemas de Recuperação de Informação, logo como Sistemas de Informação. Desta maneira, Mariz aponta que a abordagem sistêmica poderia ser um ponto de convergência entre as áreas. Mariz ainda incita para a possibilidade de instrumentalização da relação entre as duas áreas:

(...) parece-nos fundamental para a Arquivística, assim como para várias outras áreas do conhecimento, buscar nos estudos e reflexões oriundos da Ciência da Informação insumos para o aprimoramento de suas atividades teóricas e práticas. Mais do que constatar relações, seria preciso criá-las. Tais relações enriqueceriam ambas as áreas abrindo novos horizontes para as abordagens à informação em seus aspectos de produção, gestão e difusão (MARIZ, 2004, p.34).

Em dissertação sobre a informação arquivística, produzida por Eliezer Pires da Silva, podemos observar uma possibilidade de diálogo entre Arquivologia e a Ciência da Informação. Nesta pesquisa, o autor propõe uma perspectiva informacional concernente aos arquivos. Nesta perspectiva, o objeto da Arquivologia seria a informação arquivística. Assim, ao considerarmos a informação como objeto de estudo da Ciência da Informação, podemos entender que potencialmente a informação arquivística poderá ser inserida como tema de interesse para pesquisa desta área.

No entanto, Silva, na conclusão de seu trabalho, compreende a noção de informação arquivística da seguinte forma: “A dimensão de inovação no emprego da expressão *informação arquivística* ainda não está clara” (SILVA, 2009, p. 116, grifos do autor). E mais: “Pode-se também inferir que os argumentos sobre as mudanças na Arquivologia hoje não apresentaram uma articulação capaz de embasar um conceito de informação arquivística” (SILVA, 2009, p. 116).

Um aspecto interessante no relacionamento entre os dois campos no Brasil foi identificado por Fonseca (2005, 102 p.):

A associação com a ciência da informação parece ser uma característica da evolução da área arquivística no Brasil. (...) considerando a homogeneidade com que teses e dissertações com temática arquivística são acolhidas em diferentes programas de pós-graduação em ciência da informação, (...).

Podemos tomar como exemplo, o levantamento feito por Fonseca em seu livro<sup>5</sup> “Arquivologia e ciência da informação”, no qual a autora mapeia e identifica um considerável número de produção de teses e dissertações referentes aos temas arquivísticos em programas de pós-graduação em Ciência da Informação, sobretudo, a partir dos anos 90. De acordo com a pesquisa de Fonseca (2005, p. 93), de um total de 53 trabalhos – entre teses e dissertações – 26, ou seja,

---

<sup>5</sup> O livro da autora é fruto de sua Tese intitulada “Arquivologia e Ciência da Informação: (re)definição de marcos interdisciplinares” apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor no programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelo convênio UFRJ/IBICT.

aproximadamente 50%, foram resultados de pesquisas em programas de pós-graduação em Ciência da Informação.

Pinheiro em duas oportunidades (2006 e 2009), mapeou as relações interdisciplinares da Ciência da Informação com diversos campos do conhecimento. As relações com a Arquivologia foram apresentadas em duas subáreas/disciplinas de acordo com a pesquisa dessa autora - Necessidades e usos da Informação e Representação da Informação.

Uma possível interpretação para esta aproximação entre a Ciência da Informação e a Arquivologia, no âmbito dessas subáreas/disciplinas é a questão da necessidade de recuperação da informação arquivística preconizada pela Conselho Internacional de Arquivos em uma tentativa de normatizar internacionalmente os padrões de descrição em arquivos, além disso é tem se tornado frequente os estudos de padrões de interoperabilidade de metadados no ambiente eletrônico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No que tange às relações entre a Arquivologia e a Ciência da Informação, para que de fato este relacionamento seja interdisciplinar, será necessário o aprofundamento e verticalização teórica em pesquisas que abordem esta perspectiva entre os dois campos. Desta forma, será necessário avaliar contingências históricas no Brasil e no mundo, metodologias, saberes, práticas de ambas as áreas e como elas se relacionam. O caso brasileiro aponta que esta relação se dá principalmente na pesquisa de temas arquivísticos em programas de pós-graduação de Ciência da Informação, isto poderá ser melhor aprofundado em outra oportunidade. Contudo, será necessário o acompanhamento e análise dessas pesquisas para verificação dos níveis de integração entre ambos os campos de conhecimento.

Dessa forma, sugerimos a leitura de contribuições mais específicas às questões epistemológicas do campo. Tratam-se das teses e dissertações que abordaram temas semelhantes ao desta pesquisa. Atribuímos à Maria Odila Fonseca o início de estudos com esta característica no Brasil com a tese “Ciência da Informação e Arquivologia: relações interdisciplinares”, defendida no ano de 2004. Desde a tese de Maria Odila Fonseca, ocorreram pelo menos mais cinco pesquisas

das quais temos conhecimento sobre este aspecto: “Os espaços de diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil”, de Angélica Cunha Marques, defendida no ano de 2007; “A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em Arquivologia no Brasil (1996-2006)”, de Eliezer Pires da Silva, defendida no ano de 2009; “Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação: cartografia das práticas discursivas”, de Welder Antônio Silva, também defendida em 2009; e, “Interloquções entre a Arquivologia Nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil”, novamente de Angélica Cunha Marques, defendida no ano de 2011; “Produção de conhecimento em Arquivologia sob a égide dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação”, de Alexandre de Souza Costa, defendida no ano de 2011.

Ademais, uma iniciativa que poderia demonstrar a relação entre a Arquivologia e a Ciência da Informação seria a pesquisa sobre a inserção de disciplinas relacionadas à Ciência da Informação nos cursos de graduação em Arquivologia bem como uma verticalização sobre as disciplinas relacionadas à Arquivologia nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Seria necessário observar qual é a abordagem na aplicação destas disciplinas e qual contribuição interdisciplinar se origina delas, algo que transcende os limites deste trabalho.

Outro aspecto relacionado é a constatação de Pinheiro (2005), de que são raros os estudos teóricos e históricos, mais concentrados na linha de pesquisa Epistemologia e Interdisciplinaridade da Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação do IBICT. Dessa maneira, estudos relacionados ao relacionamento entre campos científicos, e nesse caso entre a Ciência da Informação e Arquivologia poderiam cobrir pelo menos uma parte dos estudos dessa linha.

Entende-se que, ao abordar esta questão há um fortalecimento da discussão dessa temática e uma possível contribuição em relação ao estado da questão, ainda que modestamente, para ampliação do debate sobre esse tema no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: Relações institucionais e teóricas. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 110-130, 2011.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 241 p.

FONSECA, Maria Odila. **Arquivologia e ciência da informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005. 124 p.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

JARDIM, José Maria. As relações interdisciplinares da Arquivologia. In: **III Congresso Brasileiro de Arquivologia**. Anais... Rio de Janeiro, 2008. (CD-Rom)

JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. As relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cadernos de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 41-50, 1995.

MARIZ, Anna Carla Almeida. Relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cenário Arquivístico**, Brasília, v. 3, n. 1, p. 29-36, 2004.

PINHEIRO, Lena Vania R. Ciência da Informação: desdobramentos disciplinares, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide; ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. (Org.). **Políticas de memória e informação: reflexos na organização do conhecimento**. Natal: Editora Universitária da UFRN/EDUFRN, 2006, v. , p. 111-141.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Configurações disciplinares e interdisciplinares da Ciência da Informação no ensino e pesquisa no Brasil. In: BORGES, Maria Manuel; CASADO, Elias Sanz (Orgs.). **A Ciência da Informação criadora de conhecimento**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, University Press, 2009. p. 99-111. ISBN: 978-989-26-0014-7.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Processo evolutivo e tendências contemporâneas da Ciência da Informação. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 15, n.1, p. 13-48, jan./jun. 2005

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, 2003, Porto. **Anais...** Porto, 2003. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/portofinal.pdf>. Acesso em: 04 dezembro 2011.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração de saberes. **Liinc em revista**. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p. 4-16, 2005.

SILVA, Eliezer Pires da. **A noção de informação arquivística na produção de conhecimento em arquivologia no Brasil (1996-2006)**. 110f. Dissertação

(Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal Fluminense, 2009.

SMIT, Johanna W. Arquivologia/Biblioteconomia: Interfaces da Ciência da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 8, n. 1, 2003.